

VIRGINIA WOOLF LEITORA DE JOYCE: O TESTEMUNHO DE SUAS CARTAS EM TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL

Maria Rita Drumond Viana*

RESUMO: Embora a complicada reação de Virginia Woolf ao *Ulysses* de James Joyce gere interesse não apenas em estudiosos de suas respectivas obras e dos modernismos de forma mais ampla, falta a quem lê o português brasileiro acesso mais completo ao que Woolf escreve sobre sua leitura do romance de Joyce. Traz-se aqui a primeira tradução de trechos de todas as cartas já encontradas em que Woolf trata de *Ulysses*, utilizando-se como texto-base a edição de suas cartas completas e o fac-símile da carta datilografada a Harriet Weaver.

Palavras-chave: Virginia Woolf. James Joyce. *Ulysses*. Leitura e recepção dos modernismos. Tradução de cartas.

Apresentação

Grande e voraz leitora que foi, Virginia Woolf dedicou-se a uma imensa gama de publicações dos mais variados assuntos, gêneros, épocas e autorias, escrevendo não apenas as resenhas e ensaios que publicou em periódicos e em seus próprios livros, mas deixando também diversos registros em seus arquivos pessoais, a que hoje temos acesso em diferentes tipos de publicações e estudos e, cada vez mais, em traduções para línguas outras que seu inglês original.

A reação da autora a Joyce e, mais especificamente, ao *Ulysses* é especialmente relevante dado o centenário de publicação do romance, comemorado neste 2022. Embora sua complicada relação com o autor gere interesse não apenas em estudiosos de suas respectivas obras e dos modernismos de forma mais ampla, falta a quem lê o português brasileiro acesso mais completo ao que Woolf escreve sobre sua leitura de Joyce para seus amigos e para a amiga, editora e grande apoiadora de Joyce, Harriet Weaver.

Há alguns anos podemos encontrar a resenha que Woolf faz ao *Ulysses* e a Joyce de forma mais ampla no ensaio “Ficção Moderna”, primeiramente na tradução de Leonardo Fróes (WOOLF, 2014). Já contamos, no Brasil, com a belíssima tradução de Ana Carolina Mesquita dos diários completos de Woolf, em um projeto em andamento para a editora Nós e que começou em 2021. No segundo volume dos diários, a mais recente publicação da coleção, podemos encontrar diversas entradas em que Woolf trata de seu progresso lendo *Ulysses*, assim como suas reflexões sobre o que lhe parecia que autor irlandês buscava fazer em sua obra (WOOLF, 2022). Temos também disponível em tradução para o português as notas de leitura que Woolf toma em seu caderno como parte do volume dedicado à autora em organização de Jaqueline Bohn Donado (WOOLF, 2021).

É com o intuito de contribuir para a maior circulação das cartas da autora que se traz aqui a primeira tradução de trechos de todas as cartas já encontradas em arquivos públicos e privados em que Woolf trata de sua leitura do romance de Joyce. Utilizo como texto-base sete cartas encontradas no volume II e uma no volume III de suas cartas completas, editadas por Nigel Nicolson e Joanne Trautmann em 1978 e 1980, assim como o fac-símile da carta datilografada enviada a Harriet Weaver. No caso da carta a Weaver, não incluo indicações de correções e outras marcas que se fariam presentes em uma transcrição diplomática, mas opto pelo fac-símile pelo status diferenciado desta carta. Todas indicações de destinatários, datas e

* Professora da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e membro permanente dos Programas de Pós-Graduação em Letras (Posletras/UFOP): Estudos da Tradução e em Inglês (PGET e PPGI/UFSC) da Universidade Federal de Santa Catarina. Líder do Grupo de Pesquisa KEW - Kyklos de Estudos Woolfianos, dedicado à Virginia Woolf e registrado no CNPq, junto com colegas de todo Brasil. E-mail: m.rita.viana@ufop.edu.br

local de envio estão padronizadas para maior clareza, mesmo quando Woolf indica em suas cartas apenas “Sunday” (domingo) ou “Good Friday” (Sexta-feira Santa). Seguimos para a datação também o trabalho editorial de Nicolson e Trautmann.

Embora haja tradução para algumas cartas de Woolf, não é de meu conhecimento que exista nenhum projeto para tradução da correspondência completa da autora. O status híbrido e de difícil classificação das cartas as colocam em posição ainda mais precária dentro do mercado editorial, mesmo dentro da concepção expandida de *life writing* ou escritas de vida, adotada especialmente na crítica em língua inglesa, algo de que tratei em minha introdução ao volume dedicado a este tipo de escrita para a revista *Ilha do Desterro* (VIANA; DALMASO; MORAIS, 2021). Em levantamento que fiz para palestra ministrada na Universidade de Toronto em 2019, estabeleci que havia mais referências ao romance em cartas do que em quaisquer outros tipos de escrita de Woolf e é com o intuito de compartilhar com vocês estes textos que proponho esta tradução, que comecei como parte de um artigo original e de maior escopo sobre os dois autores e que pretendo publicar em breve. De toda forma, o artigo não trará trechos completos como os que se seguem, o que justifica a publicação dos mesmos neste volume da *Ipotesi* dedicado à Woolf como leitora de Austen.

Ressalto, para concluir, alguns outros aspectos do meu projeto de organização, edição e tradução das cartas, assim como algumas escolhas específicas. Primeiramente, focou-se em cartas em que havia mais do que menção a Joyce ou a *Ulysses* mas que houvesse alguma reflexão sobre a leitura e sobre a reação de Woolf à sua própria leitura ou de outrem. Por este motivo faz-se extremamente importante a explicitação do destinatário, aspecto tão central dos estudos da epistolografia. A relação dialógica que Woolf estabelece com o grande amigo (e fofoqueiro!) Lytton Strachey é necessariamente mais aberta a comentários maldosos do que encontramos na correspondência com Gerald Brennan, anos depois. Essas relações ficam também mais claras com a inclusão das saudações, que incluo como e quando ocorrem, assim como o fechamento e assinaturas. Tento também fazer excertos de parágrafos inteiros para dar maior contexto, ainda que o foco aqui seja bem restringido a trechos de menção explícita. Busquei indicar com as elipses quando o excerto é retirado do meio de um parágrafo. Optei por não incluir notas explicativas ou por reproduzir inserções de texto como encontradas da edição de Nicolson e Trautmann, que por vezes explicam o uso de ironia de Woolf. Confio em quem lê esta tradução para identificar seu uso. Mantenho também seu uso inconsistente de numerais cardinais e ordinais (nem sempre por extenso), de símbolos para moedas, sua pontuação tão rica em travessões longos e sem espaço e abuso do ponto-e-vírgula.

Em relação à tradução de “p”, um encurtamento do termo “pee” como eufemismo de “piss”, que poderia ser traduzido como “mijo” (substantivo) ou “mijar” (verbo), optei por “pipi” devido justamente ao tipo de autocensura promovido por Woolf, que usa e conjuga a letra P como homófono do eufemismo, criando uma distância ainda maior do crasso “mijo/mijar” ou o mais clínico “urina/urinar”. Entendo que “pipi” pode ser visto como um uso mais infantil do que o também eufemístico “xixi” mas busquei assim relacionar ao som da letra “p” em inglês.

Por fim, traduzo como “engraxate” o “bootman”, embora a história dessas duas categorias seja tão diferente em nosso país e na Inglaterra, onde o “bootman” surge no espaço privado da extensa equipe de criados de grandes mansões. Entendo que, funcionalmente, o polir dos sapatos justifique a analogia e o tipo de movimento repetitivo que Woolf parece associar ao escrever de Joyce e o trabalho destes funcionários ocupantes de posições mais baixas das hierarquias de trabalho nas organizações em que se inserem.

Carta 1: para Lytton Strachey, em 23 de abril de 1918, de Hogarth House, Richmond
(...)

Me pediram para publicar o novo romance do Sr. Joyce, uma vez que todas as editoras de Londres e da maioria das províncias recusaram. Em primeiro lugar, tem um cachorro que faz pipi—em então um homem que jorra e mesmo esse assunto fica meio monótono depois de um tempo—além disso não acho que seu método, embora muito desenvolvido, signifique nada muito além de cortar fora as explicações e inserir os pensamentos entre travessões. Então acho que não vamos publicar.

Inclusive, você ficou com a minha cópia do outro.

Sua,
V. W.

Carta 2: para Roger Fry, em 24 de abril de 1918, de Hogarth House, Richmond

Meu querido Roger,
(...)

Estou lendo o romance de Joyce. É bem interessante como experimento; ele deixa a narrativa de fora e oferece os pensamentos, mas não sei se ele tem nada de muito interessante a dizer, e afinal de contas um cachorro fazendo pipi não é muito diferente de um homem fazendo pipi. Trezentas páginas disso pode ficar meio chato. De toda forma, é longo demais para sequer tentarmos, embora eu ache que alguém devesse publicar parte dele.

(...)

Carta 3: para Harriet Weaver, em 17 de maio de 1918, de Asheham House, Rodmell, Lewes, Sussex.

17 de maio de 1918

Prezada Srta. Weaver,

Muito obrigada pela sua carta. Viemos para o interior para passar duas semanas e por isso temo não poder ir vê-la como gostaria.

Lemos os capítulos do romance do Sr. Joyce com grande interesse e gostaríamos de poder nos oferecer para publicá-lo, mas sua extensão é uma dificuldade insuperável para nós neste momento. Não temos como contar com a ajuda de ninguém e em nosso ritmo de execução, um livro de 300 páginas levaria pelo menos dois anos para ser produzido – o que está, evidentemente, fora de questão para você ou para o Sr. Joyce.

Lamentamos muitíssimo porque é nosso objetivo publicar escritos meritosos que editoras comuns costumam recusar. Nosso equipamento é tão limitado, no entanto, que temos tido dificuldade de produzir mesmo livros de menos de 100 páginas. Tentamos comprar uma prensa maior mas ainda não obtivemos sucesso, e por isso tememos ser impossível sequer tentar qualquer coisa mais ambiciosa que isso. Pedi aos meus criados que devolvessem o manuscrito para você por carta registrada até terça ou quarta-feira.

Muito obrigada por nos ter permitido ver o manuscrito,
Atenciosamente,
[assinado] Virginia Woolf

Carta 4: para Roger Fry, em 7 de outubro de 1921, de Hogarth House, Richmond

Meu querido Roger,

(...)

Murry desperta em mim um veio de maldade do tipo encontrado em Grub Street e que jamais imaginei que sentiria na pele. Publicou um livrinho de poemas gelados como argila constipados castrados e em coma e que ele tem a impertinência de dedicar a Hardy de um jeito que parece sugerir que Hardy o adotou como filho espiritual. Graças a Deus, foi amplamente desabusado pelos jornais. Mas no artigo que escreveu sobre você ele mostrou seus caninos de forma indelével; mas sua picada não dói: torcemos para que ele dê logo sua mordida em cada um de nós, um por vez, até que finalmente seja desacreditado e despachado para algum café parisiense de 10ª categoria, onde iremos encontra-lo daqui a uns 20 anos, pontificando para os filhos ilegítimos de Alaister Crawley (sic), Wyhdham Lewis e James Joyce. Eliot diz que o romance de Joyce é a mais importante obra de nossos tempos—já Lytton diz que não tem menor intenção de lê-lo. Clive diz—bem, Clive diz que Mary Hutchinson tem uma costureira que me faria parecer com as outras pessoas.

(...)

Carta 5: para T. S. Eliot, em 14 de abril de 1922, de Monks House, Rodmell, Lewes, Sussex

Querido Tom,

(...)

Te contei que desembolsei £4 em *Ulysses* e passei uma ou duas horas ontem cortando as páginas. Leonard começou a lê-lo ontem. Pretendo fazê-lo, se continuar a chover. E aí, veja bem, sua reputação como crítico estará em jogo.

Por enquanto, continuo com 99; de temperatura, não de idade, mas me sinto incrivelmente bem.

Sempre sua,
Virginia Woolf

Carta 6: para Clive Bell, em 14 de abril de 1922, de Monks House, Rodmell, Lewes, Sussex

Queridíssimo Clive,

Esta é a quarta carta que escrevo hoje, sendo que meu princípio é, como pode observar, deixar a mais prazerosa por último; (...)

Agora, o Sr. Joyce.... sim, cáí nessa; junto com um total de quatro libras, inclusive. Tenho ele aqui na minha mesa. Suas páginas estão cortadas. Leonard já mergulhou e atravessou 30 páginas. Eu olho, dou uma bicadinha, e tremo. Mas por que eu não simplesmente cuidar da parte prática e agradecer-lhe pelos chocolates— (...)

Carta 7: para Lytton Strachey, em 24 de abril de 1922, de Monks House, Rodmell, Lewes, Sussex

(...) O grande Tom Eliot também está vindo—o que me traz, querido Lytton, à questão—que sequer ainda é uma questão—ao fato cabível de sua contribuição. Cem libras, você disse? O recibo vai junto. Um cheque nominal a Richard Adlindton ou O. Morrell como você preferir. Minha própria contribuição, de cinco libras e sixpence, foi enviada na condição de que ele dê o uso adequado às primeiras 200 páginas de *Ulysses*. Nunca li tanta asneira. Quantos aos 2 primeiros capítulos, vamos deixa-los passar, mas o 3º. 4º. 5º. 6º -- nada mais do que espinhas sendo espremidas pelo corpo de um engraxate da Claridge. É claro que a genialidade pode irromper lá pela página 652 mas tenho lá minhas dúvidas. E é isso que Eliot venera e aqui está Lytton Strachey pagando £100 por ano para a manutenção de Eliot.

(...)

Carta 8: para Roger Fry, em 3 de outubro de 1922, de Monks House, Rodmell, Lewes, Sussex

Meu querido Roger,

(...) Minha grande aventura é Proust. Bem—o que resta para se escrever depois daquilo? Estou apenas no primeiro volume e há, suponho, muitos defeitos visíveis, mas estou num estado de deslumbre; como se um milagre estivesse acontecendo às minhas vistas. Como que, finalmente, alguém conseguiu solidificar algo que tinha até então sempre escapado—e conseguiu fazê-lo nessa bela e perfeitamente duradoura substância? Tem-se que por o livro de lado e suspirar. O prazer torna-se físico—como sol e vinho e uvas e serenidade perfeita e vitalidade intensa combinados. Bem diferente de *Ulysses*; ao qual me acorrento como mártir ao poste e tenho agora que agradecer a Deus por ter acabado. Meu martírio chegou ao fim. Espero poder vendê-lo por £4.10. (Vejo que minha linguagem não se faz tão clara quanto poderia ser—).

(...)

Carta 9: para Gerald Brennan, em 1º. de dezembro de 1933, de Monks House, Rodmell, Lewes, Sussex

Meu querido Gerald,

(...)

E a sua defesa de Joyce? Nossa editora está com a boca aberta esperando *prosa*. Te falei que Rylands, um jovem de Cambridge, a partir de junho será nosso sócio? Assim teremos mais condições de nos incumbirmos de obras-primas. Também concordo que Joyce é subestimado: mas nunca nenhum livro me entediou tanto quanto aquele. Mas então, como você pensa que crítica não é bem minha seara, não vou prosseguir com a análise. Não vou te mandar meu último livro, que é de crítica pura e simples. (...)

**VIRGINIA WOOLF READS JOYCE:
THE TESTINOMY OF HER LETTERS IN TRANSLATION INTO
BRAZILIAN PORTUGUESE**

ABSTRACT: Virginia Woolf's complicated reaction to James Joyce's *Ulysses*, despite generating interest among specialists of each author and scholars of modernism more broadly, is not yet fully available to readers of Brazilian Portuguese, who currently lack access to what Woolf writes about her reading of the novel to her friends. Here is the first translation of excerpts from all the extant letters by Woolf which deal with her reactions to *Ulysses*, using as a copytext the edition of her complete letters by Nicolson and Trautmann and the facsimile of the typescript letter to Harriet Weaver.

Keywords: Virginia Woolf. James Joyce. Ulysses. Reading and reception of Modernisms. Translation of letters.

REFERÊNCIAS

VIANA, Maria Rita Drumond; DALMASO, Renata Luceno; MORAIS, Juliana Borges Oliveira de. Life writing across genres and at the intersections of alterity. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 74, n. 2, p. 011-017, 2021.

WOOLF, Virginia. *O valor do riso*. Tradução Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

WOOLF, Virginia. *Os diários de Virginia Woolf: Diário II*. Tradução Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Nós, 2022.

WOOLF, Virginia. *The letters of Virginia Woolf*. Org. Nigel Nicolson e Joanne Trautmann. 6 v. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1977-1982.

WOOLF, Virginia. *Tradição e modernidade: o modernismo anglófono em tradução de ensaios cartas e diários*. Org. e trad. Jaqueline Bohn Donada. Curitiba: UFPR, 2021.

Data de submissão: 31/05/2022

Data de aceite: 08/08/2022